



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

GÊNERO, RAÇA E CLASSE PRESENTES!

Carla Cristina (a) - a
a

GÊNERO, RAÇA E CLASSE PRESENTES!

Palavras- chave: Violências. Gênero. Universidade. UERJ.

Keywords: Violences. Genre.University.UERJ.

1) INTRODUÇÃO

A pesquisa coletiva desenvolvida pelo Programa de Educação Tutorial (PET) da Faculdade de Serviço Social (FSS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) é resultado de intensas discussões, debates e estudos acerca da temática que envolve as relações entre violência de gênero e interseccionalidade de raça, classe e diversidade sexual. O estudo perpassa as situações de violação de direitos humanos baseadas nessas relações, ocorridas no interior da universidade, e que tendem a ser cotidianamente naturalizadas. Além de colaborar para ampliar a discussão do tema, acrescenta aos/às bolsistas do PET experiências na formação acadêmica, e também cidadã, desenvolvendo um pensamento crítico tanto no exercício da futura profissão quanto na participação em sociedade. O mapeamento da violência de gênero na UERJ foi feito por meio de um questionário qualitativo e quantitativo, visando o conhecimento sobre o assunto e reflexões sobre as situações vivenciadas e testemunhadas neste âmbito, além das reações e repercussões que tais experiências trouxeram às pessoas que as vivenciaram.

2) DESENVOLVIMENTO

No perfil socioeconômico, podemos analisar alguns itens que constavam no questionário, como: idade, composição familiar, renda mensal familiar, ocupação, cotas e ativismo na universidade. No quesito idade, a maioria (191 estudantes) estava na faixa etária de 21 a 29 anos. Também houve indicadores de alunos de 30-60 anos (109 estudantes). Na composição familiar, 12,7% moram apenas com a mãe, 0,6% mora com o pai, estudantes que residem sozinhos/as representam 7,9%. Além dos que responderam morar com filhos/as e esposo/as 4,7%; e os que moram apenas com esposo/a 6,6%. O percentual dos estudantes que afirmam ter renda mensal familiar superior a cinco salários mínimos é de 15,8% - representa 50 respostas de um universo de 324. Isto demarca o histórico elitista que acompanha a formação das universidades públicas do país ao mesmo tempo em que a grande maioria - 70,9% - vive com famílias que dividem até três salários mínimos. Desses destacam-se que 36,7% vivem com até dois salários mínimos, e 17,4% com apenas um salário mínimo. No item ativismo na universidade, poucas pessoas que foram abrangidas pelo questionário participavam de algum tipo de coletivo existente na UERJ. Os coletivos mais mencionados envolvem temas relacionados à questão racial, feminista e LGBT.

Chama atenção que alguns participam de mais de um coletivo. No que diz respeito ao perfil desses/as estudantes, considerou-se a autodeclaração das respostas sendo a composição racial formada por 35,8% de brancos/as , 33,6% de pretos/as, 27,8% de pardos/as , 1,5% de indígenas e 1,2% de amarelos/as. Em relação às cotas, 57,9% dos/as estudantes que responderam à pesquisa afirmaram que são participantes deste sistema, sendo 48,7% de cotas raciais e 48,1% de cotas de escola pública. Na orientação sexual que diz respeito à atração afetiva-sexual por alguém, 75,3% se declaram heterossexuais, 15,1% bissexuais, 4,3% lésbicas, 2,8% gays e 2,5% outros. Houve estudantes que se declararam pansexuais e assexuais. Dos/as entrevistados/as, 75,9% definiram como sexo de nascimento o feminino e 24,1% o masculino. Em relação à identidade de gênero, 72,5% consideram-se mulher cis e 23,1% homens cis, ou seja, se identificam com o sexo do nascimento. No que tange à violência de gênero na UERJ, 78% dos/as participantes da pesquisa afirmaram que nunca sofreram nenhum tipo de violência, ao passo que 22% admitiram já terem tido seus direitos violados no âmbito acadêmico. Se somadas, as porcentagens atribuídas a cada tipo de violência apontada pelo/as participantes da pesquisa, obtém-se um total de 56,1% para violência física e 149,3% para o que se classifica como violência psicológica. Há uma tendência na sociedade à naturalização da violência psicológica, por ser uma agressão que não deixa marcas físicas, a princípio. E justamente, como pudemos perceber, este tipo de violência é a mais recorrente no ambiente universitário. Segundo Machado e Grossi (2015, p. 2), baseadas na Lei nº 3340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, a violência psicológica é:

Todo tipo de conduta que provoca, em termos genéricos, prejuízo à saúde psicológica ou à autodeterminação; e, em termos específicos, dano emocional, diminuição da autoestima, prejuízo ao pleno desenvolvimento, degradação, ou controle. Os meios ou estratégias que podem conduzir a esse dano são arrolados em caráter exemplificativo, misturando claramente condutas que provocam prejuízos no plano moral e no plano efetivamente psicológico, compreendendo as seguintes condutas: ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir.

Dentre os tipos de violência mais recorrentes no decorrer da formação acadêmica, destacam-se “beijo roubado/ passar a mão/ cantadas ofensivas”, com 43,8% seguidas de “humilhação por outro/a universitário/a”, com 28,8%, “humilhação por professor/a”, com 23,3%, “xingamento”, também com 23,3% e “constrangimento pela vestimenta”, com 20,5%. A opção “outra” aparece logo em seguida, com 15,1%, sendo contabilizados doze relatos, todos com apontamentos para a violência psicológica. Outro dado relevante é 72,8% afirmam nunca ter presenciado, ao passo que 27,2% afirmam já ter presenciado algum tipo de violência na UERJ. Sobre os ambientes e locais mais propícios nos quais os/as

participantes da pesquisa consideram que possa ocorrer a violência de gênero na universidade, destacam-se as festas, os trotes, os corredores, as salas de aula, os banheiros, as escadas de emergência, estacionamento, assembleias, elevadores, bibliotecas, centros acadêmicos, salas de informática e eleição do movimento estudantil. Numa parte do questionário da pesquisa, procurou-se trazer algumas percepções que são veiculadas no meio social, ou seja, alguns pensamentos do senso comum sobre gênero, sexualidade e raça. Nas questões relacionadas à raça, apesar de haver respostas mais homogêneas em relação à mulher negra, ao colocar questões sobre cotas, e que inclui, portanto, as cotas raciais, houve uma maior discrepância nas respostas, mostrando um pensamento mais heterogêneo sobre o assunto. Também de acordo com o questionário, é importante destacar que, menos de 10% das pessoas que sofreram violência dentro da UERJ denunciaram o ocorrido, e ninguém recorreu à rede externa, como delegacias especializadas.

3) RESULTADOS

A pesquisa instiga a analisar o fenômeno da violência de gênero na universidade, numa perspectiva interseccional, problematizando o espaço universitário, já que tem sido estudada prioritariamente no espaço doméstico e familiar, sendo poucas as análises no espaço público, sobretudo nas universidades, como local de reprodução de violências nas situações de sociabilidade. Mediante estes dados finais, bem como com o enunciado anteriormente na introdução deste trabalho, afirmamos a importância do envolvimento de Programas ou grupos como o PET que buscam desenvolver, por meio de suas atividades, eventos e produções científicas, princípios e valores na formação profissional dos estudantes, agregando-lhes uma visão cidadã, consciente e crítica em produções desse tipo para que venham a contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual. Ao tomar a UERJ como local de estudo, aprofunda as reflexões nesse cenário, considerando sua trajetória histórica como uma instituição que abriga estudantes trabalhadores, que culminou com a primeira universidade a implantar o sistema de cotas, trazendo para este lugar as tensões em torno das hierarquias sociais de gênero, classe, raça, etnia e sexualidade. Posteriormente, visamos à socialização dos dados sistematizados para articular propostas junto à Universidade para intervenção e construção de mecanismos que atendam às situações ocorridas dentro do campus, o que contribuirá no combate a estas violações de direitos humanos, de modo a fortalecer e estreitar os laços entre a universidade e estudantes.

4) CONCLUSÃO

Ao finalizarmos a pesquisa, pudemos entender a importância e urgência em debater o tema da violência no ambiente universitário. Precisamos compreender a correlação de forças que permeia as relações existentes na universidade. É preciso que a instituição formadora esteja pronta para atender a essa demanda, que não deve ser negligenciada. Em razão disto, devolvemos à comunidade acadêmica da UERJ num grande evento realizado no final de 2018, a sistematização desses dados, assim como pretendemos levar o relatório da pesquisa finalizado à Sub-Reitoria de Graduação para pensarmos juntos/asa criação de mecanismos que atendam às situações ocorridas dentro do campus, sobretudo em relação à violência psicológica, que se mostrou uma realidade a ser combatida na UERJ.

5) REFERÊNCIAS

COLLINS, Patrícia Hill. *Em direção a uma nova visão: Raça, Classe e Gênero como categorias de análise e conexão. Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo, p. 13-42, 2015.

DATA UERJ. *Anuário Estatístico. Base de Dados 2016*. Disponível em: <http://www2.datauerj.uerj.br/pdf/DATAUERJ_2017.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019

GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. “O Conceito de Gênero por Joan Scott: gênero enquanto categoria de análise”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-joan-scott-genero-enquanto-categoria-de-analise/#gs.XjyLuFQ>. Acesso em: 10/05/2017.

IBÁÑEZ, Daniel Barredo. *La violencia de género em Ecuador: un estudio sobre los universitarios*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 25(3): 530, setembro-dezembro/2017.

KERNER, I. *Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo*. CEBRAP, São Paulo, n. 93, p.1-12, julho 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª edição. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MACHADO, Isadora Vier; GROSSI, Miriam Pillar. *Da Dor no Corpo À Dor na Alma: o conceito de violência psicológica da Lei Maria da Penha*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 23(2):561-576, maio-agosto/2015.